

Flávia Savary

Conto

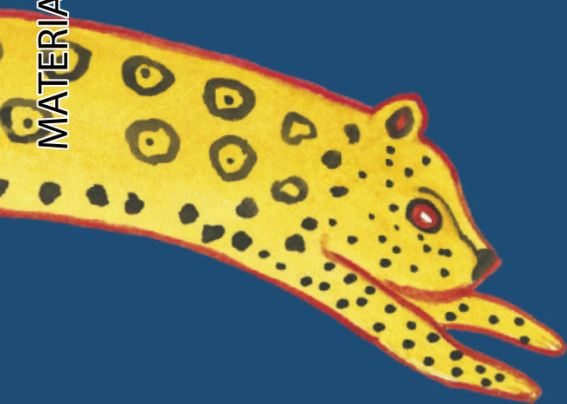
A origem da noite

do livro:

Lendas da Amazônia

... e é assim até hoje

MATERIAL PARA DIVULGAÇÃO DA EDITORA FTD
REPRODUÇÃO PROIBIDA



FTD

Ilustrações Tati Mões





Copyright © Flávia Savary, 2016

Todos os direitos reservados à

EDITORA FTD S.A.

Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo – SP

CEP 01326-010 – Tel. (0-XX-11) 3598-6000

Caixa Postal 65149 – CEP da Caixa Postal 01390-970

Internet: www.ftd.com.br

E-mail: projetos@ftd.com.br

Diretora editorial Ceciliany Alves

Gerente editorial Isabel Lopes Coelho

Editora Débora Lima

Editora assistente Agueda del Pozo

Preparadora Elvira Rocha

Revisora Bruna Perrella Brito

Editora de arte Andréia Crema

Diagramador Paulo Minuzzo

Diretor de operações e produção gráfica Reginaldo Soares Damasceno

FLÁVIA SAVARY é escritora, ilustradora e dramaturga carioca. Formada em Letras pela UFRJ, trabalha com literatura desde 1979. Ganhou numerosos prêmios literários no Brasil e no exterior.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Savary, Flávia

Lendas da Amazônia... e é assim até hoje /
Flávia Savary ; ilustrações Tati Mões. – 3. ed. –
São Paulo : FTD, 2016.

ISBN 978-85-96-00249-3

1. Lendas – Amazônia 2. Literatura folclórica
– Amazônia I. Mões, Tati. II. Título.

16-00260

CDD-398.209811

Índices para catálogo sistemático:

1. Amazônia : Histórias folclóricas 398.209811
2. Amazônia : Lendas : Folclore 398.209811
3. Amazônia : Literatura folclórica 398.209811

A primeira edição desta obra recebeu o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

Lendas da Amazônia

... e é assim até hoje

Flávia Savary

Ilustrações Tati Mões

3ª edição

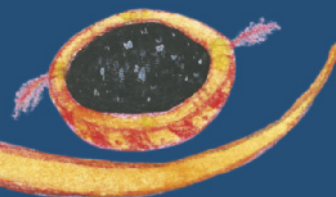
FTD

São Paulo – 2016

A origem da noite

E é assim até hoje...

Depois do mundo feito, vem um pra achar defeito. O índio Uánham achou na criação uma falha: era dia atrás de dia, atrás de dia. Noite não havia pra se dormir e descansar.



De tanto assuntar, Uánham acabou descobrindo a dona da noite: a **Surucucu***. Moço valente, juntou o arco e as flechas, dizendo à sua gente:

– Esperem que esse cansaço já finda. Vou e trago a noite comigo, agorinha.

Chegando à casa da Surucucu, bateu palmas e chamou:

– Ó, comadre! Venho de longe pra lhe comprar a noite. Em troca, ofereço meu arco e flechas.

A Surucucu danou-se a rir da proposta de Uánham e respondeu:

– E como se usa arco e flecha, sem mãos nem pés? Sua oferta não tem serventia pra mim.

Uánham voltou pra aldeia e se pôs a matutar. Passou o tempo de uma lua, se lua houvesse. Então, uma ideia brotou-lhe da cachola:

– Vou oferecer à dona da noite a faixa que uso nas pernas. Isso ela há de querer.

Cedinho, banhou-se no rio e foi direto à casa da Surucucu. Como da primeira vez, bateu palmas e chamou. Diante da oferta do índio, ela respondeu:

– Na perna não presta, porque perna não tenho. Mas aceito a faixa. Amarre-a em meu rabo. Sou muito pesada, não dou conta de me levantar.

Uánham fez conforme o pedido, prendendo-lhe a faixa no rabo. E é por isso que, quando a Surucucu fica brava e sacode o rabo, ouve-se um som aparentado com o **maracá**, alertando quem passa distraído perto da cobra.

* Encontre as palavras destacadas no Glossário.

Porém, ao contrário do que Uánham esperava, a Surucucu não lhe entregou a noite. O índio voltou à aldeia e matutou mais um pouco. Passou o tempo de duas luas, se lua houvesse. E a ideia que lhe ocorreu pareceu a melhor de todas: decidiu oferecer à cobra venenos.

No outro dia, Uánham banhou-se no rio e, de novo, foi à casa da Surucucu. Bateu palmas e a cobra veio pra fora. Ele ofereceu-lhe os venenos em troca da noite. Dessa vez a Surucucu topou.

– Agora sim! Venenos me interessam. Passe pra cá os venenos, que a noite já é sua!

Ela ajeitou uma noite pequena dentro de um pequeno cesto de palha e a entregou ao comprador. Pequena era a noite, por se tratar apenas da primeira. A cobra, esperta, guardou as outras noites consigo.

Os amigos de Uánham o viram chegando e logo se alvoroçaram:

– É a noite que cabe aí, inteira, nesse cestinho? Abre, Uánham, pra gente poder deitar na rede e descansar!

Uánham tentou explicar aos companheiros que só se devia abrir o cesto ao bater em casa. Ordens da Surucucu.

– Bobagem! – disseram os amigos. – Isso é conversa de cobra. Abre logo, queremos ver a noite!

Uánham acabou cedendo. E, no que ele cedeu, aberto o cesto, libertou-se a primeira noite.

Acontece que a novidade das trevas, nunca vistas, assustou os amigos de Uánham. Foi-se cada um prum lado! O índio, largado só naquele abandono sem luz, só fazia pedir:

– Cadê o luzeiro que me há de alumiar nesse breu? Cadê? Cadê o luzeiro?

Vendo-o desamparado, os parentes da Surucucu, com quem a cobra havia dividido os venenos, vieram picar o pobre. A Jararaca, a Lacraia e a Centopeia cercaram Uánham. A Jararaca, mais feroz, mordeu o dedo do pé do rapaz.

Uánham, íntimo das manhas de cada bicho da floresta, reconheceu, na dor da picada, a arte da comadre.

– Ah, sua Jararaca traiçoeira! Usou do veneno com o qual comprei a noite pra me fazer mal... Não há de ser nada. Meus companheiros vão acertar contas contigo!

O veneno da picada acabou por matar Uánham. Só que tinha um detalhe desconhecido dos bichos peçonhentos: o trato que o índio fizera com o **tuxaua** da aldeia, compadre seu e homem muito sabido. Achando o amigo morto, o tuxaua preparou um banho de folhas mágicas, com o qual lavou o cadáver.

Num instante Uánham ressuscitou! E, uma vez mais, rumou pra casa da Surucucu. Estava determinado a trazer a noite grande, aquela que dura o tanto de tempo que dura o dia, quando esse acaba. Levou uma cabaça cheinha de venenos, porque sabia que era disso que a cobra gostava.

A Surucucu, depois de ouvir a proposta de Uánham, pensou em como fazer pra tornar a noite grande feito a que o índio precisava. Matutou, matutou e arranjou um jeito. Tirou o fruto do jenipapeiro,

que dá uma tinta preta retinta, e misturou-o a um monte de imundícies que catou pela mata.

Pouca gente sabe, mas a noite grande é resultado da mistura de jenipapo e imundícies. E é por essa razão que, à noite, as febres pioram, o medo aperta o coração, a baba escorre no travesseiro e a boca acorda, no dia seguinte, amarga e com mau hálito.

Bem, pelo menos na noite grande se pode descansar à vontade, já que, pela manhã, o mau cheiro se resolve com um bom banho de rio!

Inspirada em lenda dos índios maués,
recolhida por Nunes Pereira.

O mito mais conhecido da origem da noite é o que envolve a Cobra Grande, sua filha, o noivo dela e os três empregados curiosos que abrem o coco de tucumã antes da hora, libertando a noite.